

LIMOEIRO E LAJEDO

Luiz Delgado

Ando hoje prestando particular atenção a tudo quanto se refere à vida de nossas cidades, de nossos municípios, de todos os núcleos maiores e menores que nem por serem parcelas do todo estadual ou, mesmo, nacional, englobados, portanto, numa história comum, deixam de ter o seu destino e o seu caráter próprios. Parece que eles perdem cada vez mais a consciência disso, e a facilidade das comunicações lhes dissolve a personalidade, seja porque as estradas os aproximam uns dos outros, seja porque o rádio e a televisão lhes metem pelos sentidos a dentro os discutíveis modelos que eles julgam elegante imitar. No entanto, por ser esse nivelamento uma coisa contrária à natureza, lá permanece, no interior de cada um dos tais núcleos, um pequeno grupo inteligente ou sensível, de memória fiel ou de curiosidade aguda, contando a quem queira ouvir o que viu ou que soube.

A atitude assumida por esses memorialistas é tanto mais comovente quanto muitos deles são incultos, segundo o critério das exigências técnicas de documentação ou de exposição histórica. Seria necessário joeirar no que eles contam, seja em face do valor do episódio considerado em si mesmo, seja em face dos vínculos a estabelecer com o que se veio passando no mundo em derredor. E acontece que nem sempre eles, apegados ao patrimônio de lembranças e notícias que possuem, estão inclinados a aceitar essa ingerência de estranhos: amam tudo com igual amor e não admitem as restrições ou distinções alheias.

Fica, assim, difícil a tarefa em que se conciliariam dois tipos de conhecimento – o nascido da vivência particularista e o decorrente da generalizadora teoria.

Como quer que seja, perdendo-me nessas considerações de índole abstrata, aqui estou a regressar de curtas viagens ao passado e ao gênio de duas cidades pernambucanas – Limoeiro e Lajedo.

Do livro do sr. José Paulo Barbosa, diz o autor que *“verdadeiramente falando, não é um livro e, sim, um álbum histórico”*. Realmente, é um conglomerado de notícias e até, na última parte, de meras confissões pessoais, através de toscas poesias. Isso dá-lhe, porém, a meu ver, um incomparável valor: é documento como que em estado puro, da atitude espiritual a que eu me referia, uma oferenda de amor à terra natal.

Funcionário modesto e envelhecido da Prefeitura, o sr. José Paulo Barbosa descobriu que os fatos cotidianos decorrendo sob as suas vistas ou que lhe eram comunicados, iriam perder-se, se ele não tomasse notas. E pôs-se a fazê-lo, sem saber ao certo para que fim. Simplesmente para não os esquecer. Guardou fotografias, indagou de datas e de sucessos, trouxe o seu testemunho. É possível que não tenha lido nenhum manual de crítica histórica, mas não é a vaidade que o move e, sim, repito, o amor. Provesse a Deus que, em cada uma de nossas cidades, surgisse um espírito assim, devotado e generoso, como o do autor deste Álbum histórico de Lajedo.

Já o livro do sr. Antonio Vilaça, **Histórias que Limoeiro conta**, possui outras perspectivas intelectuais. O autor põe a serviço de seu afeto à comunidade onde escolheu viver há quase 40 anos e onde se fez elemento não só de grande mas também de fecunda projeção, uma competência que o habilita a ser mais do que simples registador de ocorrências. Numa estante de volumes que contenham a vida de nossas cidades em sua formação antiga ou em sua situação atual, o seu, sobre Limoeiro, ocupa, sem dúvida, um lugar de destaque.

Aliás, não é o primeiro que ele escreve sobre a cidade adotiva. Deparo referências a um álbum que organizou em 1952 e que julgo seja atualmente raridade valiosa. Outra iniciativa sua que mereceria ser apontada como exemplo a seguir, foi a de um museu regional: bastaria isso para mostrar o ânimo e a inteligência com que retribuiu à terra de Austro Costa o acolhimento recebido.

Um episódio como o de o Conde d'Eu deixando 50 mil réis para o político que o hospedou, dar de esmola aos pobres, e o adversário do hospedeiro espalhando que eram muitos contos para indenização aos antigos senhores de escravos, mostra de tal modo o que fosse a rivalidade partidária no nosso interior, que vale por uma dissertação ou um tratado. Leio-o no livro do sr. Antonio Vilaça e dou-me por bem compensado da leitura. No entanto, essa página não é única no seu gênero. Repito: é importantíssima a história local, sobretudo quando escrita assim.

(Jornal do Commercio, coluna "Ideias, livros e fatos", de 10.10.1971, publicado sob o título "História local")